

Médica aponta falha na Rede Cegonha

Coordenadora médica do HU afirma que a falta de obstetras em hospitais do interior causa superlotação em Maceió

THAYANNE MAGALHÃES
REPÓRTER

O quadro de superlotação nas maternidades que recebem gestantes de alto risco não é uma situação nova na rede pública de saúde de Maceió. A questão que vem sendo levantada agora, depois que gestantes estão aguardando em macas, cadeiras e até colchões no chão na maternidade do Hospital Universitário (HU) por falta de leitos, é o funcionamento da Rede Cegonha do Sistema Único de Saúde (SUS).

“O ideal seria que nos hospitais das cidades do interior fossem realizadas a triagem e os partos de risco habitual. Mesmo recebendo as verbas do Governo Federal, muitos municípios não contratam obstetras e nem pediatras, como está firmado no acordo entre as cidades beneficiadas e o Ministério da Saúde”, afirma a coordenadora médica da maternidade do HU, Lúcia Amorim.

De acordo com publicação no Portal da Saúde, a Rede Cegonha é uma rede

de cuidados que assegura às mulheres o direito ao planejamento reprodutivo, a atenção humanizada à gravidez, parto, abortamento e puerpério, que é a fase do pós-parto. Também assegura cuidados às crianças o direito ao nascimento seguro, crescimento e desenvolvimento saudável.

“Cada hospital do interior deveria ter um médico obstetra ou uma enfermeira obstetra de plantão para a realização do parto normal, então ficaríamos com atendimento exclusivo para gestantes de alto risco. Mas até cidades como União dos Palmares, que tem maternidade e UTI neonatal mandam suas gestantes para as maternidades de Maceió. A nossa orientação é que os médicos liguem para a Central de Regulação de Serviços de Saúde (Cora) para que fosse indicado um hospital de risco intermediário para as gestantes que não são de alto risco. Isso ajudaria a diminuir o fluxo no HU, que aumentou consideravelmente com o funcionamento da maternidade Santa Mônica na mesma unidade”, explica

Lúcia.

A coordenadora explicou ainda que as gestantes de Maceió também não tem recebido orientação nos postos de saúde e hospitais dos seus bairros. “A gente também atende muita gestante que nos procura espontaneamente. Por mais que tenham postos de saúde, hospitais ou maternidades próximos das suas casas, elas vão direto no HU. A Cora nos ajuda na intermediação e nos encaminha apenas gestantes de alto risco, mas quando o médico que atendeu não entra em contato ou a paciente procura atendimento por conta própria, sempre procura as maternidades do HU ou Santa Mônica, quando está funcionando”.

Para Lúcia, a solução é o aperfeiçoamento da Rede Cegonha e o retorno da Maternidade Santa Mônica, que passa por reforma. “Se com duas maternidades funcionando já tem superlotação, imagina com apenas uma? É muito transtorno. A demanda é muito grande. Tem que melhorar as condições dos hospitais no interior”.



Maternidade do HU não comporta demanda de gestantes vindas do interior do Estado e está com sua capacidade esgotada

ADAILSON CALHEIROS